

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

JAQUELINE FORTES

**O RISO E AS REPRESENTAÇÕES TECNOLÓGICAS EM CRÔNICAS
DE
LUIS FERNANDO VERISSIMO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA

2012

JAQUELINE FORTES

**O RISO E AS REPRESENTAÇÕES TECNOLÓGICAS EM CRÔNICAS
DE
LUIS FERNANDO VERISSIMO**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Comunicação e expressão - DACEX da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Literatura Brasileira e História Nacional.

Orientador: Prof^a Dr. Ângela Maria Rubel Fanini

CURITIBA

2012

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: A CRÔNICA, O RISÍVEL E A TECNOLOGIA EM OBRAS DE LUIS FERNANDO VERISSIMO	10
2.1 CONCEITO DE CRÔNICA.....	10
2.2 CONCEITO DE RISO E RISÍVEL.....	14
2.3 O RISO NAS OBRAS DE VERISSIMO.....	16
2.4 CONCEITO DE TECNOLOGIA.....	17
3 ANÁLISE DA QUESTÃO DA TECNOLOGIA EM CRÔNICAS DE LUIS FERNANDO VERISSIMO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39

À Deus.

À minha pequena e verdadeira família.

Aos amigos, sempre presentes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Dr. Marcelo Franz, pela maravilhosa maneira que me apresentou a literatura.

A Professora Dra. Ângela Maria Rubel Fanini, pela sua dedicação e orientação neste trabalho.

A família e aos amigos, pelo apoio, paciência e compreensão que tiveram comigo nesse difícil período.

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas!

(Das Utopias - Mario Quintana)

RESUMO

FORTES, JAQUELINE. O riso e as representações tecnológicas em crônicas de Luis Fernando Verissimo. 2012. 32 p. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós Graduação em Comunicação e Expressão, Universidade tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

Este trabalho analisa como ocorre o humor nas representações da tecnologia em cinco crônicas de Luis Fernando Verissimo. São elas, “Os Meios e os Fins”, “O que Move a Humanidade”, “Pense na China”, “Estamos Prontos” e “A Tirania do Qualquer Um”. Retiradas do livro, *O Mundo é Bárbaro, e o que nós temos a ver com isso*. Será analisado como ocorre o riso em crônicas relacionadas à tecnologia, que apresentam fatos dramáticos e pitorescos dessa área. Para a realização dessa análise foram estudados os aspectos estruturais da crônica, teorias sobre o riso e o cômico e abordagens históricas referentes à evolução da tecnologia desde a Antiguidade até os dias atuais. Para fundamentar esse estudo são apresentados os principais elementos da teoria do riso em Bergson, questões filosóficas acerca da alienação, do absurdo e do individualismo na área tecnológica com Marx, Feenberg citando Heidegger e Habermas e os estereótipos atuais estabelecidos na sociedade em que vivemos. Tendo o riso como instrumento, Verissimo denuncia situações atuais de tensão, descomprometimento e ausência de valores.

Palavras-chave: Tecnologia. Crônica. Crítica. Riso. Luis Fernando Verissimo.

ABSTRACT

FORTES, Jaqueline. The laughter and technological representations in Luis Fernando Verissimo short stories. 2012. 32 p. Monograph (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) – Programa de Pós Graduação em Comunicação e Expressão, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

This paper examines how humor occurs in the technology representation in five of Luis Fernando Verissimo 's short stories. They are, "Os Meios e os Fins," "O que Move a Humanidade", "Pense na China", "Estamos Prontos" and "A Tirania do Qualquer Um". From the book, *O Mundo é Bárbaro, e o que nós temos a ver com isso*, It will be analyzed how the laughter occurs in short stories related to technology, presenting dramatic and pictures facts in this area. For this analysis the structural aspects of short stories, were studied. Therefore, the laughter and comedy and historical approaches theories regarding the technology to the evolution from ancient times to the present days. In support of this study the main elements of the laughter theory in Bergson are presented, philosophical questions about alienation, the absurd and individualism in the technological area with Marx, Feenberg mentioning, Heidegger and Habermas and the current stereotypes established in the society we live in. Having laughter as a tool, Verissimo reports current situations of tension, lack of commitment and absence of values.

Keywords: Technology. Short stories. Critics. Laugh. Luis Fernando Verissimo

1. INTRODUÇÃO

Luis Fernando Verissimo nasceu em 26 de setembro 1936, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Filho do grande escritor Érico Veríssimo, iniciou seus estudos no Instituto Porto Alegre, tendo passado por escolas nos Estados Unidos. Coursou a *Roosevelt High School* em Washington, onde também estudou música, e até hoje é inseparável de seu saxofone. É casado com Lúcia com quem tem três filhos.

Iniciou sua carreira como jornalista no jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre, no final de 1966, onde trabalhou em diversas seções ("editor de frescuras", redator, editor nacional e internacional). Além disso, sobreviveu um tempo como tradutor, no Rio de Janeiro. Estreou na literatura em 1973 com o livro de crônicas *O Popular*. Entre seus mais de 40 títulos publicados a partir de então, incluem-se, *A Grande Mulher Nua, As Cobras e Outros Bichos, Ed Mort em "Procurando o Silva", Ed Mort em "Disneyworld Blues", Ed Mort em "A Conexão Nazista", Ed Mort em "O Seqüestro do Zaqueiro Central", O Jardim do Diabo, Pai não Entende Nada, Peças Íntimas, O Santinho, Zoeira, Sexo na Cabeça, O Gigolô das Palavras, O Analista de Bagé, Orgias, As Aventuras da Família Brasil, O Analista de Bagé, A Velhinha de Taubaté, A Mulher do Silva, O Marido do Doutor Pompeu, A Mesa Voadora, As mentiras que os homens contam, Histórias brasileiras de verão*, entre outras.

Além disso, publicou romances como, *Borges e os Orangotangos Eternos, Gula - O Clube dos Anjos, O Jardim do Diabo e O opositor. Poesias como, Poesia numa hora dessas?! Também se incluem na sua produção textos de ficção e crônicas publicadas nas revistas Playboy, Cláudia, Domingo (do Jornal do Brasil), Veja, e nos jornais Zero Hora, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e, a partir de junho de 2.000, no jornal O Globo.*

A obra de Luis Fernando Verissimo tem grande destaque na produção artística nacional. Devido a isso, suas mais relevantes crônicas e personagens foram adaptadas por diversos programas de televisão. Seus livros são considerados *best-sellers* e permanecem durante meses nas listas de mais vendidos no mercado. Foi muitas vezes homenageado e recebeu diversos prêmios, entre eles o de "Intelectual do ano de 1997".

Na opinião de Jaguar "Verissimo é uma fábrica de fazer humor. Muito e bom".¹

¹ Citação retirada do site <http://www.releituras.com/lfverissimo_bio.asp>. Acesso em: 14 de

Tem como característica a denúncia das condições comuns do dia-a-dia das pessoas. Seus textos tratam de variados temas e uma de suas especialidades é provocar a sociedade, denunciando certos padrões que muitas vezes a privam de viver livremente.

Um tema bastante abordado por Verissimo é a tecnologia. O autor expõe em suas crônicas e narrativas, situações corriqueiras em que a tecnologia aparece presente, e como as pessoas trabalham com ela. Por meio da análise de cinco crônicas que expõem esse veio temático, que são, Os “Meios e os Fins”, “O que Move a Humanidade”, “Pense na China”, “Estamos Prontos” e “A Tirania do Qualquer Um”, do livro *O Mundo é Bárbaro e o que nós temos a ver com isso*, este estudo visa a responder de que forma o recurso humorístico está inserido nos textos de Verissimo, e investigar como ele consegue provocar o riso trabalhando com temas tão sérios.

Ao trabalhar o tema da tecnologia em suas crônicas, Verissimo consegue, com o recurso humorístico, despertar atenção do mais simples ao mais sofisticado leitor, ao tratar de questões que exploram o drama existencial humano, transformando-o em um bem elaborado recurso cômico e humorístico, sendo um especialista em fazer uso do humor em suas crônicas, o que torna a leitura fácil e agradável.

Críticos e leitores atestam sua importância na literatura brasileira contemporânea, daí sua obra ser alvo de incessantes análises e de muitas descobertas que assinalam um humor que vai do mais sutil ao mais gritante, humor que flui rápido, mas sempre elaborado com muita técnica. Surge disso o interesse em dedicar-me a estabelecer uma tipologia da tecnologia na obra do escritor.

Além do grande fascínio que sua obra desperta, Verissimo expõe problemas sérios, camuflados na aparente superficialidade banal da crônica e do riso. Neste estudo as teorias do risível e da tecnologia irão contribuir para a percepção da profundidade das ideias do escritor e seus objetivos escondidos atrás da comicidade e do riso. Nesta apresentação de teorias, iremos nos deparar com pensamentos de, Henri Bergson, Mikhail Bakhtin, Andrew Feenberg e outros. Para a análise de dados foi selecionado o livro *O Mundo é Bárbaro e o que nós temos a ver com isso* no qual são bastante abordadas as questões tecnológicas, a ascensão da China, os Estados Unidos e Barack Obama, o Brasil, seu passado e futuro e o mundo contemporâneo.

Deste livro foram selecionadas cinco crônicas bem humoradas que exploram questões tecnológicas, são elas, Os “Meios e os Fins”, “O que Move a Humanidade”, “Pense na China”, “Estamos Prontos” e “A Tirania do Qualquer Um”.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: A CRÔNICA, O RISÍVEL E A TECNOLOGIA EM OBRAS DE LUIS FERNANDO VERISSIMO

Serão abordadas neste capítulo teorias sobre crônica, conceito de riso e risível e teorias que apresentam as evoluções tecnológicas, e como esses mecanismos se apresentam nos textos de Verissimo.

2.1 CONCEITO DE CRÔNICA

A crônica surgiu no século XVI, e no início os cronistas escreviam sobre fatos que provocavam o medo nas pessoas. Podemos observar isso no prefácio de Gilberto Mendonça Teles:

A crônica foi inicialmente um gênero histórico, com os fatos cronologicamente alinhados. No séc. XVI muitos cronistas começaram a misturar a realidade com o fantástico proveniente dos medos e superstições das terras exóticas da Índia e da América. Evoluiu no séc. XIX para artigos de periódicos sobre fatos da atualidade, como em José de Alencar e Machado de Assis, o mais importante dos nossos cronistas no passado. No séc. XX tornou-se um dos principais gêneros do rádio e do jornal, chegando à televisão e agora à internet. Continua gênero narrativo, como na *Crónica de una muerte anunciada*, de Gabriel García Márquez. Difere, entretanto da história porque esta compara, estuda e interpreta; a crônica não. (SANT'ANNA 2007, p. 16)

No Brasil teve seu início no século XIX, com os chamados “folhetins” que segundo Sá (1999, p.8) não passavam de uma sessão quase que informativa, “um rodapé onde eram publicados pequenos contos, artigos, ensaios breves, poemas em prosa, tudo, enfim, que pudesse informar os leitores sobre acontecimentos daquele dia”. Logo depois os folhetins ganharam espaço nos jornais com a publicação de

romances, poemas, anedotas e crônicas. O cronista fazia uso desse espaço para registrar fatos da vida cotidiana. Segundo Bender & Laurito (1993, p. 16) a marca dessas crônicas era o tom descomprometido, usado justamente para conquistar a empatia do leitor.

Machado de Assis (apud COUTINHO, 1926, p. 121) caracteriza o folhetim e o folhetinista em sua crônica “O folhetinista”. Podemos observar isso no seguinte trecho:

O folhetim nasceu do jornal, o folhetinista, por consequência do jornalista. Esta última afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. O folhetinista é a fusão do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consociado com o frívolo. (...)
 (...) O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; solta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

A crônica no Brasil é definida como um gênero híbrido, também chamada “bi-genérica”, pois pode enquadrar-se tanto no gênero jornalístico quanto no literário. Segundo Moisés (1982 p. 247), “A crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido, de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia”.

Segundo Sant’Anna (2007, p. 16):

A crônica está assim num meio-termo entre o jornalismo e a literatura, limitando-se com o conto, a poesia e o ensaio e encontrando nessas margens os elementos que a faz especial e própria, a ponto de escapar à classificação dos manuais de literatura... Uma boa diferença está na observação de que o cronista sobre paira sobre os fatos, fazendo que se destaque o seu enfoque estilístico, a sua linguagem pessoal. O tratamento estilístico de tudo isso é que faz o leitor levar...

A crônica publicada em periódicos apresenta fatos comuns do dia-a-dia das pessoas, relata o cotidiano da vida real, e é classificada como um texto jornalístico, pois há semelhanças entre ela e um texto exclusivamente informativo. Assim como um repórter, o cronista se alimenta de acontecimentos corriqueiros do cotidiano das pessoas e do mundo. Porém, há elementos que os distinguem, na crônica o autor capta esses acontecimentos, expõe sua opinião e os publica geralmente num tom

humorístico, o que não ocorre num texto puramente informativo. Segundo Jorge de Sá (1985, p. 09):

[...] Na crônica, embora não haja a densidade do conto, existe a liberdade do cronista. Ele pode transmitir a aparência de superficialidade para desenvolver o seu tema, o que também acontece como se fosse 'por acaso'. No entanto o escritor sabe que esse 'acaso' não funciona na construção de um texto literário (e crônica também é literatura), pois o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para depreender, terá que explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo.

Para Sá, a crônica geralmente é um texto curto e narrado em primeira pessoa, com o autor dialogando com o leitor.

A crônica como crítica social surgiu junto com a imprensa periódica no século XIX. Começou com pequenos textos de abertura que expunham de maneira geral os acontecimentos do dia. Com o tempo ganhou espaço nas colunas dos jornais, e logo adentrou de vez ao Jornalismo e à Literatura.

A principal característica de uma crônica é o objetivo com que ela é escrita. Seu eixo temático é sempre em torno de uma realidade social, política ou cultural, abordando sempre uma maneira de perceber a realidade, com um tom humorístico e até mesmo irônico. Essa realidade é avaliada pelo autor, que dará sua opinião quase sempre com um tom de protesto ou argumentação.

Hoje em dia essa realidade é captada de forma mais verdadeira pelo cronista, devido às nossas correrias do cotidiano, evidenciando assim, ainda mais as fraquezas humanas. Entretanto, essa pressa de viver desenvolve no cronista uma sensibilidade especial, predispondo-o "a captar com maior intensidade os sinais da vida que diariamente deixamos escapar", como afirma Jorge de Sá. (1985, p. 12)

A crônica é marcada por pequenos acontecimentos que fazem parte da nossa condição de homem, segundo o cronista Rubem Braga (apud SÁ, 1985 p. 12), não é o tempo que passa. A verdade é o instante que oculta a complexidade de nossas dores e alegrias.

Uma outra característica da crônica é que ela apresenta uma estrutura livre, e pode apresentar vários enfoques. Segundo Bender e Laurito (1993, p. 57), Cecília Meireles tem a tendência à poesia a ao misticismo; Drummond, às reflexões; Luis

Fernando Verissimo, Stanislaw Ponte Preta e Millôr Fernandes ao humor; Paulo Mendes Campos à prosa poética; Rachel de Queiroz, ao social e Clarice Lispector ao existencial, enquanto que Rubem Braga faz transcender o fato miúdo.

Rubem Braga (apud Sá, 1985, p. 17), compara o cronista de jornal a uma tenda de cigano, que não é fixa, porém, é uma casa.

Nossos ofícios são bem diversos. Há homens que são escritores e fazem livros que são verdadeiras casas, e ficam. Mas o cronista de jornal é como o cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, e vai.

A crônica tem presença marcante na literatura brasileira da atualidade graças a quantidade de cronistas e a qualidade de seus textos, e segundo Sá (1985, p. 79) “só pode ser valorizada quando a lemos criticamente, descobrindo sua significação”.

Luis Fernando Verissimo também se manifesta quando o assunto é definir a crônica. Podemos observar isso no texto de apresentação do seu *livro O Nariz e outras Crônicas*. (1996, p. 4)

CRÔNICA E OVO

A discussão sobre o que é, exatamente, crônica, é quase tão antiga quanto aquela sobre a genealogia da galinha. Se um texto é crônica, conto ou outra coisa, interessa aos estudiosos da literatura, assim como se o que nasceu primeiro foi o ovo ou a galinha interessa aos zoólogos, geneticistas, historiadores e (suponho) o galo, mas não deve preocupar nem o produtor nem o consumidor. Nem a mim nem a você.

Eu me coloco na posição da galinha. Sem piadas, por favor. Duvido que a galinha tenha uma teoria sobre o ovo, ou na hora de botá-lo, qualquer tipo de hesitação filosófica. Se tivesse, provavelmente não botaria o ovo. É da sua natureza botar ovos, ela jamais se pergunta “Meu Deus, o que eu estou fazendo?” Da mesma forma o escritor diante do papel em branco (ou, hoje em dia, da tela limpa do computador) não pode ficar se policiando para só “botar” textos que se enquadrem em alguma definição técnica de crônica.

O que aparecer é crônica.

Há uma diferença entre o cronista e a galinha, além das óbvias (a galinha é menor e mais nervosa). Por uma questão funcional, o ovo tem sempre o mesmo formato, coincidentemente oval. O cronista também precisa respeitar certas convenções e limites mas está livre para produzir seus ovos em qualquer formato. Nesta coleção existem textos que são contos, outros que são paródias, outros que são puros exercícios de estilo ou simples anedotas e até alguns que se submetem ao conceito acadêmico de crônica.

Ao contrário da galinha, podemos decidir se o ovo do dia será listado, fosforescente ou quadrado.

Você, que é o consumidor do ovo e do texto, só tem que saboreá-lo e decidir se é bom ou ruim, não se é crônica ou não é. Os textos estão na mesa: fritos, estrelados, quentes, mexidos... Você só precisa de um bom apetite.

Nesse texto, Verissimo propõe ao seu leitor, um descomprometimento com qualquer definição do gênero crônica. Segundo ele, cabe ao leitor “deliciar-se” com o texto, deixando essa preocupação para os teóricos.

2.2 CONCEITO DE RISO E RISÍVEL

Os estudos relacionados ao risível e ao cômico, além do campo filosófico, também são de interesse de autores literários e diversos outros estudiosos, e um dos principais pesquisadores desse assunto é Henri Bergson que trabalha a comicidade em seu ensaio *O Riso*. (2001) Bergson classifica o riso como correção dos comportamentos desviantes, pois, segundo ele, rimos ao perceber algo contraditório, rimos das situações que muitas vezes são trágicas, que aprendemos como rigidez.

Bergson parte do princípio de que toda forma de rigidez possui comicidade, o risível faz parte das pessoas, pois é um mecanismo inato, autônomo. A simples percepção dessa autonomia é nomeada por Bergson como distração da vida, que resulta imediatamente no riso. “Só é essencialmente risível aquilo que é automaticamente realizável” (BERGSON, 2001, p. 109). Para Bergson a comicidade está relacionada à inteligência, portanto, algo racional, lembrando que, segundo o filósofo, a emoção é a maior inimiga do riso. “A comicidade exige enfim algo que como uma anestesia momentânea do coração” (BERGSON, 2001, p. 2). No cômico ocorre à inflexibilidade dos sentidos e da inteligência. O sujeito continua vendo aquilo que não está mais diante de si, adapta-se a uma situação passada que não mais vigora. A distração se torna ainda mais risível quando sua origem é conhecida. Quanto mais profunda a distração, maior a comédia.

Aquele que ri não comunga da mesma situação daquele que se expõe ao riso, ao ridículo, nem se identifica amigavelmente com ele. Quando vemos um jovem, por exemplo, escorregar e cair ao chão, rimos, e não pensamos que isso

poderia estar ocorrendo conosco. Mesmo grandes dramas, ou tragédias da humanidade, vistos de longe, tornam-se risíveis. O riso ocorre pela necessidade de alívio, ou por distração, mas sempre resulta no prazer. Quando rimos, rimos sempre por prazer. Segundo Bergson, o riso é algo coletivo, nunca rimos sós, e para ocorrer o riso é necessário haver uma sociedade, o riso sempre ocorre em grupo. O riso é uma fonte de poder. Quem ri, ri sempre do outro, ainda que sem saber, está rindo de si próprio. “Qualquer coisa pertencente ao mundo inferior das aparências, coisa essa que o súbito se intromete no sublime, antes oculto, derrubando-o ao nível do chão” (STAIGER, 1993, p. 155).²

O riso é também uma forma de controlar o outro. O jogo cênico, por exemplo, é um tipo de jogo de poder, já que o leitor ou espectador manipula a vida das personagens. Nesse caso entra em cena aquele que ri. O cômico não está somente presente no objeto do riso, mas, sobretudo ao sujeito ridente. Para Bergson, a dinâmica do riso não está no plano do entendimento, como apontam diversos estudos, mas sim, na sociedade, pois qualquer forma de comicidade se dá através da relação entre o risível e o ridente, uma união de certa forma afastada, segundo o filósofo francês. O riso é um fato social, os hábitos antissociais, e a rigidez do indivíduo provocam o riso. Rir das deformidades, rir das fraquezas reafirmam a ordem.

O humor é um jogo com a razão e suas formas, onde se destrói todo o sério falso. É uma crítica radical ao discurso.

Em sua Poética,(1996) Aristóteles aponta as diferenças entre tragédia e comédia, classificando a comédia como uma imitação de ações baixas e personagens baixos. O espectador está sempre “por cima” num patamar superior ao personagem, ou seja, ao objeto risível. O riso será a reação a um tombo, uma queda, uma bobagem, revelando no riso um jogo de poder. Toda forma de riso esconde uma verdade trágica. Segundo Staiger, (1993, p. 153):

(...) o homem é, contudo, uma criatura tenaz e a mesma sina da limitação, que o ameaça de desespero trágico, abre-lhe uma saída inesperada para a comicidade do cômico. Se dissermos que o trágico faz explodir os contornos de um mundo, dizemos do cômico que ele extravasa as bordas

² Emil Staiger, teólogo, suíço, nasceu em 1908 e morreu em 1987, foi professor de alemão na Universidade de Zurique. Escreveu os Conceitos Fundamentais da Poética. Staiger é fortemente influenciado pela filosofia de Martin Heidegger.

Disponível em: <<http://jogosideais.posterous.com/staiger>>. Acesso em: 03 de fev. de 2012.

desse mundo e acomoda-se à margem numa evidência despreocupada.

Bergson, por sua vez, classifica o cômico como uma manifestação negativa, e afirma que o riso, estranhamente, teria a função de corrigir, assumindo assim, uma função social.

2.3 O RISO NAS OBRAS DE VERISSIMO

As obras de Verissimo são construídas baseadas na realidade aparentemente comum das pessoas, e sempre apresentando uma situação cômica.

É possível definir o riso nas obras do autor, baseando-se nas teorias da Antiguidade, como uma apontada por Aristóteles, que define o riso como punição de determinados comportamentos sociais.

Pode-se dizer que os textos de Verissimo seguem dois caminhos, o uso do riso como forma de reflexão em torno dos costumes, e a utilização do riso como arma para a denúncia de comportamentos sociais.

Observando as crônicas do autor é possível perceber o efeito do humor e que por trás dele existe uma realidade muitas vezes cruel.

Luis Fernando Verissimo, assim como Aristóteles e Bergson, que citam o riso como punição de costumes, utiliza esse recurso para criticar uma realidade social, como podemos observar nesse trecho da crônica “Orgias”:

Quando se diz que o Brasil está parecendo uma orgia, não se está sendo exato. De certa forma isso aqui sempre foi uma orgia, uma simpática convivência de apetites mais ou menos desenfreados, mais ou menos safados. O que mudou é que parece não haver mais a menor coerência no deboche. Os anões besuntados entram e saem à hora que querem, a Flávia Calpúrnia pula no pescoço do cabrito e o arrasta para um canto, e vá tentar conseguir um garçom para trazer o leitão caramelado. Quer dizer, orgia está certo. Mas um mínimo de organização! (VERISSIMO, 2005, p. 11).

Observando os textos de Verissimo, é possível perceber que o riso se dá em diversas situações sociais, se assumindo como objeto de denuncia dos comportamentos humanos, sendo uma manifestação própria e exclusiva do homem.

Segundo Paulo Cesar Konzen:

A comicidade está entre as características constantes em suas narrativas – nas mais inusitadas formas. A descontração em falar de qualquer tema, e uma visão sólida sobre os fatos, revelam análises inteligentes e precisas da vida cotidiana: a arte de Luis Fernando Verissimo reside, fundamentalmente, na capacidade de captar cenas, muitas vezes insignificantes à primeira vista, e torná-las visíveis e risíveis, pelo emprego de recursos diversificados (KONZEN, 2002, p. 96).

O riso é uma necessidade do ser humano, assim, o humor está presente em diversos textos que se apresentam na sociedade. A crônica, também faz uso do riso como recurso literário. É o que faz Luis Fernando Verissimo em suas crônicas que se caracterizam como uma literatura crítica reflexiva, ao mesmo tempo bem humorada.

2.4 CONCEITO DE TECNOLOGIA

Para fundamentar os estudos sobre a tecnologia, usamos como referência um estudioso dessa questão, Andrew Feenberg, que citará Heidegger, Habermas e Marx, afirmando que a tecnologia nos invade sem piedade e que somos dependentes e dominados por ela.

Feenberg 2003, ao estudar a relação entre filosofia e tecnologia faz uma contextualização histórica da tecnologia nas sociedades modernas e contemporâneas. Analisa o modo de pensar nas sociedades tradicionais baseado em costumes e mitos, enquanto que as sociedades modernas de certa maneira se libertam daquelas formas de pensamento, com o advento da ciência e a tecnologia que se converteram em novas crenças, em superação ao modo anterior de pensar. Nessas culturas aos poucos o pensamento racional foi se transformando num modo correto de pensar e a tecnologia se tornou onipresente na vida cotidiana. Destaque para a sociedade japonesa onde a racionalidade tecnocientífica se tornou uma cultura nova. Enquanto que a filosofia da ciência tem como objetivo a busca da verdade, a tecnologia se traduz em utilidade. A tecnologia alcançou tal desenvolvimento que parece transcender o conceito de útil, trazendo novas questões éticas referente ao campo da filosofia da tecnologia nos levando a refletir sobre o significado do que seja a modernidade racional.

No Japão o advento e assimilação da tecnologia e o processo de rápida modernização, contrastou com o rápido desaparecimento dos modos tradicionais diante das novas maneiras importadas do ocidente resultantes do avanço tecnológico.

Ao analisar o conceito de tecnologia de forma a entender seu significado recorre-se à Grécia Antiga, quando ocorre o nascimento da filosofia. Segundo Feenberg (2003, p. 02),

a filosofia começa interpretando mundo em termos do fato fundamental de que a humanidade é um tipo de animal que trabalha constantemente para transformar a natureza. Este fato fundamental molda as distinções básicas que prevalecem ao longo da tradição da filosofia ocidental.

Feenberg constatou uma primeira distinção presente na filosofia grega entre a natureza (*physis*) como aquilo que emerge de si mesmo, e a *poiesis* como atividade prática de fazer da qual, seres humanos se ocupam quando produzem algo. Aos seres criados chamamos de artefatos, e dentre eles os produtos da arte, do artesanato e da convenção social.

A palavra tecnologia advém do termo grego *techne*, que significa o conhecimento ou a disciplina que se associa com uma forma de *poiesis*. Nesse sentido cada técnica inclui um objetivo e um significado. Por exemplo, a medicina é uma técnica cujo objetivo é curar o doente.

Para os gregos a tecnologia não tinha o mesmo significado e a mesma importância que ganhou na modernidade que pode ser situada historicamente com os fundadores do pensamento moderno, Descartes e Bacon, que exaltaram a promessa de que nos tornaríamos “senhores da natureza” através da ideia de que conhecer é poder. A concepção grega de tecnologia foi substituída por uma nova visão no século XVIII, quando Galileu e Newton apresentaram um modelo mecanicista do mundo, identificando o funcionamento do universo como a engrenagem de um grande relógio. No contexto moderno a tecnologia não realiza os objetivos essenciais da natureza do universo como em *techne*. É isenta de valores, não responde a propósitos, mas se caracteriza como meio e ferramenta para se fazer o que quiser.

Feenberg apresenta diversas concepções relacionadas à tecnologia, algumas delas são:

O Instrumentalismo, que corresponde ao paradigma moderno quando considera a tecnologia como simples ferramenta ou instrumento com os quais satisfazemos necessidades. Está relacionado a fé liberal no progresso.

O Determinismo, que corresponde a visão amplamente presente nas ciências sociais desde Marx, que considerava que a força motriz da história é o avanço tecnológico.

Os deterministas acreditam que a tecnologia não é controlada humanamente, mas que, pelo contrário, controla os humanos, isto é, molda a sociedade às exigências de eficiência e progresso. Os deterministas tecnológicos usualmente argumentam que a tecnologia emprega o avanço do conhecimento do mundo natural para servir as características universais de natureza humana, tais como as necessidades e faculdades básicas. (FEENBERG, 2003, p. 06)

Nesse sentido a tecnologia é uma extensão do ser humano, o automóvel amplia os nossos pés e o computador estende nossa inteligência. Defende a ideia de que a tecnologia não está para se adaptar a nós, mas o contrário, nós é que devemos nos adaptar a ela, como expressão mais significativa de nossa humanidade.

O Substantivismo, descrevendo uma posição que atribui valores substantivos a tecnologia em contraste com visões como a do Instrumentalismo e do Determinismo, negando a neutralidade tecnocientífica, e afirmando que seu uso deve estar relacionado aos propósitos individuais e sociais de bem. E ao escolher usar uma tecnologia, isso representará mais que um modo de vida diferente, e sim a escolha de um estilo de vida diferente. Uma vez que uma sociedade assuma o caminho do desenvolvimento tecnológico, será transformada inexoravelmente em uma sociedade tecnológica dedicada a valores como eficiência e poder. Nesse sentido, se assemelha a concepção do determinismo que abandona a visão otimista e assume uma postura crítica. Tal visão crítica esta representada no *Admirável Mundo Novo* de Huxley que apresenta seres humanos convertidos em dentes de engrenagens da maquinaria, numa linha de montagem para propósitos sociais específicos. O teórico substantivo mais famoso foi Martin Heidegger que viveu no século XX e sustentava a ideia que a modernidade se caracteriza pelo triunfo da tecnologia sobre todos os valores. O Filósofo apontou que a visão grega de *techne* culminou naquilo que se transformou a tecnologia moderna, e a partir daí passamos

a obedecer as ordens dos diversos sistemas técnicos que estamos associados, sejam eles, os manuais médicos, psicológicos, atléticos.

Essa visão se demonstrou frágil quando Heidegger afirmou que embora se possa controlar o mundo através de nossa tecnologia, não podemos dominar a nossa obsessão por esse controle e que só um Deus pode nos salvar.

Teoria Crítica, posição da qual Feenberg se coloca. Essa visão sustenta que a tecnologia não precisa esperar um Deus para transformar a sociedade num lugar melhor para viver. Reconhece as consequências catastróficas do desenvolvimento tecnológico ressaltadas pelo Substantivismo, e acredita na possibilidade de uma conquista maior de liberdade ancorada no desenvolvimento tecnológico e para isso é necessário desenvolver instituições que garantam a liberdade através de processos democráticos. Portanto, a Teoria Crítica sustenta a ideia de que a democracia se estenda à tecnologia, desembocando num grande projeto político de cidadania ativa e participativa.

Essas ideias de Feenberg irão nortear as análises das representações da tecnologia nas crônicas selecionadas.

3 ANÁLISE DA QUESTÃO DA TECNOLOGIA EM CRÔNICAS DE LUIS FERNANDO VERISSIMO

Nesse capítulo serão analisados os efeitos da comicidade nas crônicas de Luis Fernando Verissimo relacionadas à tecnologia. Dentre várias, foram selecionadas cinco: “O que Move a Humanidade”, “Estamos Prontos”, “A Tirania do Qualquer Um”, “Pense na China” e “Os Meios e os Fins”, do livro *O Mundo é Bárbaro e o que nós temos a ver com isso*.

Essas crônicas ficcionalizam com precisão situações em que há a presença da tecnologia, retratadas pelo autor com um tom de crítica, mas sempre de maneira bem humorada. Podem-se observar essas características nas crônicas transcritas a seguir:

“O que move a Humanidade

Existem muitas teorias sobre o que fez o Homem dominar o planeta e construir civilizações – enquanto o João-de-Barro, por exemplo, só consegue construir conjugados – e levar grandes mulheres para a cama – enquanto o máximo que um gorila conseguiu foi segurar a mão da Sigourney Weaver. Dizem que o cavalo é mais bonito do que o Homem e que a

barata é mais resistente, mas não há notícia de uma fuga a três vozes composta por um cavalo ou uma liga de aço inventada por uma barata. Tudo se deveria ao fato de uma linhagem particular de macacos ter desenvolvido o dedão opositor, com o qual conseguiu descascar uma banana e segurar um tacape, as condições primordiais para dominar o mundo. A vaidade, outra característica exclusivamente humana (o pavão também é vaidoso, mas não gasta uma fortuna com as penas dos outros para fazer sua cauda), também teria contribuído para que o Homem prevalecesse, pois de nada lhe adiantariam suas façanhas com o polegar, e com as mulheres, se não pudesse contar depois. Daí nasceu a linguagem, e com ela a mentira, e o Homem estava feito.

Mas eu acho que a verdadeira força motriz do desenvolvimento humano, a razão da superioridade e do sucesso do Homem, foi a preguiça. Com a possível exceção da própria preguiça, nenhum outro animal é tão preguiçoso quanto o Homem. O desenvolvimento do dedão opositor nasceu da preguiça de combinar dentes e garras para comer e ainda ter que limpar os farelos do peito depois. A linguagem é fruto da preguiça de roncar, grunhir, pular e bater no peito para se comunicar com os outros e, mesmo, ninguém aguentava mais mímica. A técnica é fruto da preguiça. O que são o estilingue, a flecha e a lança senão maneiras de não precisar ir lá e esgoelar a caça ou um semelhante com as mãos, arriscando-se a levar a pior e perder a viagem? No que estaria pensando o inventor da roda senão no eventual desenvolvimento da charrete, que, atrelada a um animal menos preguiçoso do que ele, o levaria a toda parte sem que ele precisasse correr ou caminhar? Dizem que a agressividade e o gosto pela guerra determinaram o avanço científico da humanidade; e se é verdade que a maioria das invenções modernas nasceu da necessidade militar, também é verdade que o objetivo de cada nova arma era o de diminuir o esforço necessário para matar os outros. O produto supremo da ciência militar, o foguete intercontinental com ogivas nucleares múltiplas, é uma obra-prima da preguiça aplicada: apertando-se um único botão se matam milhões de outros sem sair da poltrona. Uma combinação perfeita do instinto assassino e do comodismo. A apoteose do dedão.

Toda a história das telecomunicações, desde os tambores tribais e seus códigos primitivos até os sinais de TV e a Internet, se deve ao desejo humano de enviar a mensagem em vez de ir entregá-la pessoalmente ou mandar um guri resmungão. A fome de riqueza e poder do Homem não passa da vontade de poder mandar outros fazerem o que ele tem preguiça de fazer, seja trazer os seus chinelos ou construir as suas pirâmides. A química moderna é filha da alquimia, que era a tentativa de ter o ouro sem ter que procurá-lo ou trabalhar para merecê-lo. A física e a filosofia são produtos da contemplação, que é um subproduto da indolência e uma alternativa para a sesta. A grande arte também se deve à preguiça. Não por acaso, a que é considerada a maior realização da melhor época da arte ocidental, o teto da Capela Sistina, foi feita pelo Michelangelo deitado. Proust escreveu o Em Busca do Tempo Perdido deitado. Vá lá, recostado. As duas maiores invenções contemporâneas, depois do antibiótico e do microchip, que são a escada rolante e o manobrista, devem sua existência à preguiça. E não vamos nem falar no controle remoto.” (VERISSIMO, 2008, p. 53)

Luis Fernando Verissimo nessa crônica explora questões relacionadas à tecnologia de maneira bastante cômica quando expõe que o desenvolvimento tecnológico se deve a preguiça.

O escritor capta a partir das fundamentações antropológicas e sociológicas o que significa ser humano e o que o diferencia dos demais no reino animal. Tal diferenciação se estabelece a partir da capacidade da produção de artefatos que se deu ao longo do processo evolutivo como uma condição de sobrevivência. Verissimo

observa que embora os animais se destaquem por alguma capacidade excepcional que lhes possibilitam a sobrevivência e manutenção da espécie, são limitados quando se referem a capacidade de produção técnica, referente a produção de artefatos. A distinção entre os seres humanos e os animais foi decorrente dessa capacidade de produzir utensílios a partir do trabalho das próprias mãos – “o homo faber”, que <<faz>> e literalmente trabalha sobre os materiais, fabrica a infinita variedade de coisas cuja soma total constitui o artifício humano” (ARENDDT, 1981, p. 149).³

Fica claro que o texto de Verissimo não possui pretensão alguma em impor uma cientificidade sobre quaisquer teorias que sejam. A intenção do autor é conduzir a uma reflexão a partir das teorias existentes de forma bem humorada, sem cair no deboche ou no ridículo. No entanto demonstra bom conhecimento em relação às modernas teorias referentes aos processos evolutivos de humanização das quais estamos historicamente inseridos.

Ao refletir que a verdadeira força motriz do desenvolvimento humano, a razão da superioridade e do sucesso do homem foi a preguiça, Verissimo apresenta tal afirmação com o pressuposto “eu acho”, de forma que sua ideia não se imponha como contradição, como alguma espécie de antítese às teorias recentes sobre tecnologia que tratam da eficiência e da precisão que acabam por proporcionar aos humanos uma situação de maior comodidade e sedentarismo que acabam por deixarmos com maiores possibilidades de vivenciar o ócio que não necessariamente é criativo na perspectiva da preguiça.

Cabe ainda uma reflexão ao significado do “ócio”, contextualizando as teorias de Domenico de Masi.⁴ Verissimo se refere a essa preguiça como uma força criativa, construtora e que traz certa dinâmica a vida e a sociedade humana. Parece importante destacar que essa preguiça não se refere a indolência.

Marlilena Chauí (1996, p. 284) observa essa questão referente a precisão e a confusão que se faz entre ciência e técnica. “Vimos que a ciência moderna e contemporânea transforma a técnica em tecnologia. Isto é, passa da máquina-utensílio à máquina como instrumento de precisão, que permite conhecimentos mais

³ Filósofa e pensadora política nasceu na Alemanha em 1906, foi aluna de Heidegger e uma das mais influentes filósofas do século XX. Contracapa do livro A Condição Humana (ARENDDT, H. 1981).

⁴Sociólogo italiano, professor de Sociologia do Trabalho na Universidade La Sapienza em Roma. Disponível em: <<http://www.domenicodemasi.it/pt>>. Acesso em: 06 de fev.de 2012.

exatos e novos conhecimentos”.

Ao inferirmos que a maior eficiência e precisão que advêm do avanço tecnológico permitem a humanidade viver de forma mais preguiçosa, refletir que é a busca da preguiça que conduz a evolução da humanidade parece razoável, já que um processo acaba por desembocar em uma situação conforme apontada por Verissimo. Isto é, a preguiça. Pois ao elaborar instrumentos de precisão, isso exigirá cada vez menos esforços braçais para a realização das tarefas antes extenuantes, visto que esses instrumentos técnicos são criados como instrumentos de auxílio ao trabalho humano, máquinas para dominar a natureza e a sociedade.

As diversas teorias apresentadas por Feenberg apontam que a tecnologia se caracteriza enquanto instrumento ou forma relacionada a eficiência. “Os deterministas acreditam que a tecnologia não é controlada humanamente, mas que, ao contrário, controla os humanos, isto é, molda a sociedade às exigências de eficiência e progresso” (FEENBERG, 2003, p. 06). Enquanto que para os substantivistas essa eficiência deve estar orientada por um propósito, não podendo ela ser neutra. “O uso da tecnologia para esse ou aquele propósito seria uma escolha de valor específica em si mesma, e não só uma forma mais eficiente de compreender um valor pré-existente de algum tipo” (FEENBERG, 2003, p. 07).

De acordo com a teoria crítica, os valores incorporados na tecnologia são socialmente específicos e não são representados adequadamente por tais abstrações como a eficiência ou o controle. A tecnologia não molda só um modo de vida, mas muitos possíveis estilos diferentes de vida, cada um dos quais reflete escolhas diferentes de objetivos e extensões diferentes da mediação tecnológica. Eu uso a palavra ‘moldar’ aqui propositadamente. Todos os quadros no museu têm molduras, mas não é por essa razão que estão no museu. As molduras são limites e contêm o que está por dentro. Semelhantemente, a eficiência ‘molda’ todas as possibilidades da tecnologia, mas não determina os valores percebidos dentro daquela moldura (FEENBERG, 2003, p. 09).

Nessa crônica, por diversas vezes, Verissimo destaca a importância da linguagem, pois esse é outro aspecto fundamental que acabou por resultar na diferenciação entre os homens e os animais. É importante destacar a diferenciação que se deve fazer entre comunicação e linguagem. Os animais se comunicam, mas essa comunicação é feita por grunhidos, rosnados, separação conceitual observada por Verissimo ao se referir a linguagem relacionada ao poder da palavra e a comodidade que esta trouxe, de certa forma, o desenvolvimento das diversas formas

técnicas e da tecnologia está relacionado ao processo de desenvolvimento da linguagem.

Verissimo não deixa explícito se a tecnologia é boa ou ruim nessa crônica, e se refere a TV e a internet como formas de simplificação da comunicação. E as maiores conquistas humanas dos últimos tempos se devem a preguiça. Tratando o tema de forma a suscitar a reflexão, sob essa real possibilidade que envolve a vontade de poder e os princípios de prazer como preconizam o estruturalismo e a psicanálise. Quanto aos aspectos valorativos referentes a tecnologia podemos citar Borgmann e Feenberg que descrevem :

Mas o que estávamos presenciando no início dos anos 80 era algo bem diferente, a emergência disputada de novas práticas de comunicação da comunidade *on line*. Posteriormente vimos críticos culturais inspirados pela teoria da modernidade, reciclarem a velha abordagem para essa nova aplicação, denunciando, por exemplo, a suposta degradação da comunicação humana na internet. Albert Borgmann alega que as redes de computadores “des-mundificam” a pessoa, reduzindo seres humanos a um fluxo de dados facilmente manipuláveis pelo “usuário” (BORGSMANN, 1992, p. 108).

O sujeito, ao final é basicamente um monstro associal a despeito da aparência de interação *on line*. Mas tal reação pressupõe que os computadores sejam na realidade um meio de comunicação, mesmo se inferirmos, precisamente o tema de vinte anos atrás. A questão anterior que deve ser colocada diz respeito, então, à emergência do próprio meio. Há bem pouco tempo o debate sobre os computadores chegou à educação superior, onde propostas de ensino automático *on line* têm encontrado determinada resistência em nome dos valores humanos. “Enquanto isso, a educação *on line* real emerge como novo tipo de prática comunicativa” (FEENBERG, 2002, cap. 5).

“Estamos Prontos

Sonhemos. O petróleo acaba e o mundo passa a depender, para toda a sua energia, do combustível vegetal. Biodiesel e álcool. Ninguém tem tanto biocombustível para vender, ou terra para produzi-lo, do que o Brasil. Enquanto o Oriente Médio afunda no seu subsolo vazio e a areia cobre suas refinarias e seus palácios, o Brasil se transforma no principal fornecedor do sangue do mundo industrial. Brasil, a Nova Arábia. Já temos um começo de produção importante. Já conhecemos a tecnologia. Com os

investimentos das sedentas potências industriais, nossa capacidade de transformar vegetal em energia se multiplicará. E mais: ao contrário do combustível fóssil, o biocombustível não acaba. Seremos os árabes do mundo por muito mais tempo. E reproduziremos, aqui, o poder e o fausto do Médio Oriente, com os dólares que nos inundarão. Afinal, se eles construíram uma civilização feita de dólar no deserto, por que não construiremos uma igual aqui, onde tudo cresce tão rápido?

De certa maneira, estamos nos condicionando para isso há muito tempo. Finalmente entendemos o comportamento da nossa elite, que sempre levou vida de sheikes do petróleo sem o petróleo. Não são insensíveis e fúteis, são visionários, foram pioneiros. Estavam treinando para o nosso futuro árabe. Construiu-se aqui a sociedade mais desigual do mundo como uma emulação informal da desigualdade institucionalizada do Oriente, onde o contraste entre a massa miserável e o potentado é tradição, não má-formação. Estávamos sendo meio orientais, inconscientemente nos preparando para tomar o lugar deles. Até nossa corrupção, nos seus exageros, tem um pouco dessa premonição de um dia sermos emires do biocombustível, com sua inferição de que no Brasil dinheiro nasce na terra. Com a China precisando de cada vez mais combustível e os americanos cada vez mais incapazes de largar o vício da gasolina barata, o petróleo não dura até o fim do século. Então será a nossa vez. Temos a matéria-prima para substituir o petróleo, temos a terra, temos a técnica, temos os sheikes e temos a atitude. Estamos prontos.” (VERISSIMO, 2008, p. 101)

A comicidade nessa crônica aparece de maneira implícita e sutil, a crônica trata de um tema atual, que é o uso do biocombustível, ou seja, um combustível que além de ser produzido na natureza, reduz os danos causados a ela, quando comparados ao combustível derivado do petróleo. É o uso da tecnologia, em benefício de um bem maior.

Há diversos motivos para países como o Brasil investirem suas forças no biocombustível, por exemplo, controlar a emissão de gases que causam o efeito estufa na atmosfera, minimizar a poluição, principalmente nas grandes cidades, diminuir a dependência do petróleo, com isso reduzir gastos e principalmente visar lucros, já que há a tendência da extinção do petróleo na Terra.

Verissimo demonstra conhecer o tema e o trabalha de maneira cômica, satirizando que já estamos prontos para controlar o mundo através do nosso biocombustível, o que nos falta então? Parece que essa pergunta fica no ar nessa crônica, será mesmo possível o Brasil controlar o combustível a nível mundial?

Segundo Cerqueira e Lealé (2007):

A tecnologia de produção de etanol no Brasil está totalmente madura, permitindo ainda alguns ganhos de produtividade na área agrícola e pouca coisa na área industrial; existem variedades de cana geneticamente modificadas que permitiriam grandes reduções nos custos de produção, embora não possam ser utilizadas pela morosidade do processo de

liberação.

Além da grande produção de etanol, o Brasil também possui outra capacidade de produção de biocombustível que é o biodiesel,

A soja, com uma tecnologia agrícola já bem desenvolvida e perto de 25 milhões de hectares plantados no país, é hoje a principal matéria-prima na produção de biodiesel. É uma opção ruim do ponto de vista do balanço energético, da ocupação de terras e da inclusão social, mas é a melhor do ponto de vista econômico e de disponibilidade, tendo, portanto, predominado sobre as outras alternativas de matéria-prima. Todo país que inicia um programa de biocombustíveis sempre se baseia nas opções já em pleno desenvolvimento comercial (CERQUEIRA E LAELÈ, 2007)

Esses autores se mostram muito otimistas, expondo somente o lado positivo da produção do biocombustível, ignoram os riscos da alteração genética tanto para saúde de quem consome, quanto para a terra que produz a matéria-prima para a produção desses combustíveis. Não expõem os prejuízos que a produção de cana traz para terra, como o uso agrotóxicos que contaminam o solo e a água, causam desmatamentos e erosões do solo, além de empregar trabalho semiescravo. Os autores ainda reforçam que a produção do biodiesel através da soja, é ruim em relação ao balanço energético, a inclusão social e a ocupação das terras, mas que é bom do ponto de vista econômico, ou seja, a produção da soja em grande escala, assim como a cana, destrói o solo, desmata reservas e ocupa áreas antes destinadas à produção de outros alimentos, mas traz benefícios financeiros. Resumindo, somente o capital tem valor.

Podemos afirmar que é a produção do biocombustível no Brasil é algo concreto, e que pode crescer muito, tendo em vista o alto preço e a escassez do petróleo. E que estamos muito perto de se tornarmos um grande produtor e exportador de biocombustível. Já estamos a caminho “A capacidade instalada das usinas de biodiesel aumentou 33% e a produção 49% entre 2009 e 2010, de acordo com o ‘Anuário Estatístico do Setor de Petróleo e Gás Natural’ da ‘Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis’ (ANP).⁵

Depois de percebermos a real possibilidade e a seriedade da crônica de Verissimo, voltamos a pensar na comicidade implícita nela, e mesmo com dados que

⁵ Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-07-22/producao-de-biodiesel-aumentou-quase-50-no-ano-passado-segundo-anp>> Acesso em: 11 de janeiro de 2012.

comprovam a veracidade do pensamento do autor, quando retornamos a primeira palavra citada na crônica, ...Sonhemos... temos a impressão que tudo se trata de um blefe, e que se reforça ainda mais quando Verissimo fala sobre a corrupção no Brasil. Parece mesmo se tratar de um sonho.

O autor parece se mostrar um defensor da cana de açúcar e dos aparentes benefícios que seu cultivo pode trazer à produção do biocombustível, como o ganho capital e enriquecimento. Não faz crítica em relação aos danos causados na terra, e a exploração de mão-de-obra. O Biocombustível é uma excelente alternativa do ponto de vista energético, porque comparado aos combustíveis fósseis gera muito menos poluição, porém, o que não é apresentado são os prejuízos causados durante o processo de sua produção. Verissimo não se posiciona em relação a isso, somente faz uso de sua ironia para mostrar a famosa contradição brasileira, temos tudo e nada temos.

“A Tirania do Qualquer Um

Hoje qualquer um com um computador e um programa adequado pode editar seus próprios livros. Ou seu próprio jornal ou sua própria revista.

Qualquer um pode fazer o seu próprio CD em casa. Não depende mais de nenhuma estrutura alheia — grandes impressoras, grandes estúdios ou grandes espaços — para produzir o que quiser.

Mas essa nova liberdade tem a sua contrapartida tétrica: assim como qualquer um pode dispensar a indústria literária para publicar seu romancinho ou a indústria musical para gravar a banda das crianças, qualquer um pode ter nas mãos a capacidade de destruição de um exército sem precisar ter uma nação.

A nação e o seu exército são as grandes estruturas tornadas desnecessárias pela sofisticação dos recursos para quem quer se expressar, no caso não com arte mas com estouros.

Coisas como o lançador de mísseis desmontável e portátil, a relativa facilidade em fabricar e transportar projéteis nucleares ou com cargas químicas mortais e, claro, um computador com um programa adequado, aumentaram o poder do qualquer um e o seu raio de estragos possíveis.

Assim, além do indivíduo que é seu próprio editor e sua própria gravadora e — com todos os programas de computador disponíveis — seu próprio arquiteto, contador ou conselheiro astral, temos o indivíduo que é a sua própria força armada pronta para a guerra, ou pelo menos para começar uma.

Nunca o qualquer um teve tanto poder. Ele já atuou no passado, e influenciou muito na História, mas não tinha os meios que tem agora. Era o anarquista com sua bomba de pavio, o assassino no meio da multidão com sua pistola, o anônimo cujo martírio ou a liderança espontânea começava uma revolta ou um massacre.

Mas a possibilidade de espalhar o grande terror era exclusividade das nações e dos exércitos, das grandes estruturas. Não era para qualquer um. A democratização da ciência e a banalização das técnicas de matar trouxeram o qualquer um para a sua eminência atual.

Hoje o grande terror é ele. Vivemos sob a tirania da sua imprevisibilidade e da sua

independência das grandes estruturas: cada um é uma nação de um só, com uma indústria de morte própria. Ele pode ser o passante com um colete de explosivos sob a roupa. Pode ser a moça ao nosso lado no metrô com o antrax na mochila. Pois o maior terror do qualquer um é que ele pode ser qualquer um.” (VERISSIMO, 2008, p. 137)

Verissimo nessa crônica utiliza-se do recurso humorístico para expor uma questão bastante seria e preocupante, que é o uso indevido de recursos tecnológicos como arma de poder e destruição.

Essa crônica nos mostra o que o avanço tecnológico e a fácil acessibilidade desses recursos podem trazer de prejuízo para a humanidade, quando usado indevidamente por pessoas aparentemente comuns aos olhos da sociedade. Hoje, ao mesmo tempo em que qualquer um faz uso dos grandes benefícios da tecnologia, qualquer um, também tem acesso a um grande poder de destruição, hoje, esse problema se intensifica, já que a pós-modernidade trouxe uma nova concepção e um novo ajuste no que se refere ao uso e a administração da tecnologia. As pessoas estão submetidas a rotinas intensas de trabalho, consumo e lazer alienado, que produz um individualismo extremo, sendo que cada pessoa caminha para uma tendência de isolamento e de solidão típica dos tempos atuais.

A comicidade nessa crônica reside entre outras coisas, na ligação existente entre o riso e a ideia de absurdo. Conforme Bergson analisa, nem todo absurdo é fonte de comicidade, pois algo tirado de um contexto cômico continua absurdo, mas sem graça. (2001, p. 55). Conforme observa Bergson (2001, p. 87):

Théophile Gautier disse que o cômico extravagante é a lógica do absurdo. Vários filósofos do riso gravitam em torno de noção análoga. Todo efeito cômico implicaria contradição por algum aspecto. O que nos causa riso seria o absurdo encarnado numa forma concreta, um "absurdo visível" — ou ainda uma aparência de absurdo, admitida a princípio, logo corrigida — ou, melhor ainda, o que é absurdo por um lado, naturalmente explicável por outro etc. Todas essas teorias encerram sem dúvida uma parcela de verdade; mas só se aplicam a certos efeitos cômicos bastante toscos, e, mesmo nos casos a que se aplicam, desprezam, ao que parece, o elemento característico do risível, isto é, o gênero particularíssimo de absurdo que o cômico contém quando encerra absurdo. Para nos convenceremos disso basta escolher uma dessas definições e compor efeitos segundo a fórmula: o mais das vezes não se obterá um efeito risível. O absurdo, quando o encontramos na comicidade, não é, pois, um absurdo qualquer. É um absurdo determinado. Ele não cria a comicidade, antes, ele é que decorre dela. O absurdo não é a causa, mas o efeito — efeito especialíssimo, no qual se reflete a natureza especial da causa que o produz. Conhecemos essa causa.

Verissimo apresenta diversas formas de como a tecnologia, quando usada indevidamente pode trazer muito mais prejuízos que benefícios, especialmente quando está a disposição de pessoas sedentas de poder e despreocupadas com o coletivo, como percebemos na passagem, “a possibilidade de espalhar o grande terror era exclusividade das nações e dos exércitos (...). Não era para qualquer um. A democratização da ciência e a banalização das técnicas de matar trouxeram o qualquer um para a sua eminência atual (VERISSIMO, 2008, p. 137).

Observando essa crônica, podemos nos remeter a Feenberg, quando cita Heidegger que afirma que a tecnologia dominou o homem de uma maneira que não há mais como se livrar dela e que os perigos dessa dominação são eminentes.

A instrumentalização do homem e da sociedade é, assim, um destino cuja única saída é bater em retirada. A única esperança é um renascimento vagamente espiritual, abstrato demais para dar forma a uma nova prática técnica. Como Heidegger explicou em sua última entrevista, “Apenas um deus pode nos salvar” do *juggernaut* do progresso”. Essa crítica é reforçada com os atuais perigos com os quais a tecnologia moderna ameaça o mundo (FEENBERG, 2010, p.06).

Ainda em Feenberg (2010, p. 08), “o tema não é que as máquinas sejam más nem que tenham tomado o poder, mas que, na constante escolha de usá-las em detrimento de qualquer outra alternativa, acabamos por fazer muitas outras escolhas indesejadas”.

Isso se encaixa na crônica de Verissimo, pois ao mesmo tempo em que critica os prejuízos do uso incorreto da tecnologia, o autor também nos mostra os seus benefícios quando diz que hoje em dia, editar um livro ou criar um CD não é mais de acesso exclusivo de grandes estruturas, e cita de maneira cômica que hoje em dia “qualquer um” com um computador pode criar seu próprio DVD em casa.

“Pense na China

Sugestão para um dia em que você não tiver nada com o que se preocupar e estiver até convencido que o mundo pode melhorar, deve melhorar, tem que melhorar. Finja que é agora. Simule otimismo. Imita alguém acreditando no futuro com toda a força. Faça cara de quem não tem dúvidas de que tudo vai dar certo. Convença-se de que tudo vai dar certo. Pronto? Agora pense na China.

Desanimou, certo? É impossível pensar na China e continuar, mesmo em fingimento, despreocupado. Dentro de muito pouco tempo vai acontecer o seguinte: a China vai tornar o resto do mundo supérfluo. Não vai ser preciso existir mais ninguém, de tanto que vai existir

a China. O nosso destino é, enquanto a China cresce, irmos ficando cada vez mais desnecessários. Em, o quê? Vinte anos? A China terá o maior parque industrial, com a mão-de-obra mais abundante e portanto mais barata, da Terra, e produzirá de tudo para o maior mercado consumidor da Terra que será qual? O dos chineses, mesmo ganhando pouco. A China concentrará toda a atividade econômica do planeta entre as suas fronteiras. A China se bastará.

Mas não pense que vamos ficar assistindo ao espetáculo da auto-suficiência chinesa da cerca, esperando alguma sobra. Antes de se tornar definitivamente autocapaz a China terá que garantir as fontes da sua energia. O seu inevitável choque com aquele outro sorvedouro de combustível fóssil, os Estados Unidos, pelas últimas reservas de petróleo do mundo pode literalmente nos arrasar. Sugestão para a reflexão antes de dormir esta noite, se você conseguir dormir: o petróleo do Oriente Médio escasseando, dois monstros sedentos cuja sobrevivência depende do petróleo se enfrentando — e nós no meio. Ganhará o confronto final, nuclear ou não, quem tiver mais gente. A China tem muito mais gente do que os Estados Unidos.

Enquanto isto, a Índia... Mas chega. Reanime-se. A vida é boa, há borboletas, os pêssegos estão ótimos e a Copa vem aí. Eu, na verdade, não tenho com o que me preocupar mesmo. Estou a caminho da fase pré-fóssil e não estarei aqui quando tudo isto acontecer. Mas só queria avisar.” (VERISSIMO, 2008, p. 75)

Verissimo nessa crônica explora a questão de como o avanço tecnológico pode dominar o planeta. A comicidade aparece de maneira implícita, já que para identificá-la é necessário um conhecimento prévio da situação atual em que se encontra a China e os demais países.

Segundo o autor, a China cresce a uma proporção incomparável ao restante do planeta e um dos principais fatores desse crescimento exorbitante é a mão de obra barata dos chineses, lembramos aqui a citação de Feenberg, que aponta Habermas afirmando que a meta do trabalho é dominar o mundo:

A princípio, Habermas argumentava que “trabalho” e “interação” tinham cada um sua própria lógica. O trabalho “se orienta ao sucesso”; é uma forma do “agir racional com respeito a fins”, cuja meta é o controle do mundo. Nesses termos, o desenvolvimento tecnológico é um “projeto genérico”, que consiste na substituição de recursos mecânicos por membros e faculdades humanos (FEENBERG, 2010, p.10).

A China pela maior concentração de pessoas da Terra ganhará, segundo o autor, a guerra contra os Estados Unidos pelo petróleo, e assim a dominação do planeta estará garantida, a China será o próprio planeta.

Verissimo, diante dessa situação aparentemente trágica, faz uso do recurso humorístico para mostrar que não há muito que fazer diante dessa realidade, e enquanto a China domina o mundo com todo seu recurso tecnológico e mão-de-obra

barata, podemos nos preocupar com a Copa, por exemplo. Lembrando que muitos teóricos classificam o cômico como uma manifestação negativa, como Bergson exemplo. A comicidade aumenta, quando trazemos essa crônica para nossa realidade atual, a Copa vem aí, e essa é a principal preocupação das grandes potencias, incluindo governantes. Enquanto o planeta busca o crescimento, nós aguardamos ansiosos a Copa.

Essa alienação do povo brasileiro visando algo que trará poucos benefícios a si próprios é outro aspecto a ser explorado nessa crônica, em contra partida, temos a China explorando trabalhadores em busca de um bem maior.

A alienação, conforme Marx, refere-se à condição de exploração do proletariado, submetido a intensas jornadas de trabalho, onde o individuo perde a ligação com a realidade.

O trabalhador põe a sua vida no objeto; porém agora ele já não lhe pertence, mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontra objeto. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído. Quanto mais valor o trabalhador cria, mais sem valor e mais desprezível se torna. Quanto mais refinado é o produto mais desfigurado o trabalhador (MARX, 2002, p. 112).

E aquilo que se tornou normal e comum, ao ser analisado em uma visão mais criteriosa do sistema capitalista, adquire conotações de absurdo.

“Os Meios e os Fins

Não faz muito, cientistas conseguiram aumentar a velocidade da luz, que é de 300 mil quilômetros por segundo. Um feixe de luz produzido em laboratório atravessou uma câmara cheia de gás césio com tanta rapidez que chegou ao outro lado antes de ter saído, ou saiu antes de ter entrado! Foi outra certeza científica irrefutável — a da velocidade da luz num vácuo como a máxima velocidade possível e uma das constantes invariáveis na Natureza — refutada.

A explicação dos cientistas é de que um pulso de luz é formado por ondas, e os átomos do gás césio resfriado, usado na câmara, ampliaram a frequência das ondas mais do que qualquer outro meio de propagação conhecido, e mais até do que o vácuo teria conseguido.

Um experimento parecido poderia ser feito no Brasil substituindo-se feixes de luz por escândalos e medindo a sua duração, segundo o meio que atravessam.

Aqui há escândalos que terminam antes de começar, ou então começam e, misteriosamente, desaparecem no caminho. Outros perduram, crescem, vão, voltam e exigem explicação. A diferença entre um fenômeno e outro é a natureza do meio. Num caso, em vez de conduzir o fato ao seu desfecho

natural, o meio o absorve, desvia, engaveta ou mata.

Foi o que aconteceu com freqüência num passado recente, em que o equivalente ao gás céσιο resfriado era um conluio de interesses arraigados, conivências tácitas, polícia omissa e imprensa amiga que não deixou nenhum escândalo chegar ao outro lado, ao esclarecimento e à consequência, ou sequer aparecer.

No outro caso, o meio de propagação é um gás de interesses contrariados, conveniências tácitas, polícia ativa e uma imprensa não tão amiga que faz os escândalos aparecerem.

Mas, como tanto os escândalos abafados do passado quanto os gritantes de hoje têm um destino comum — não dão em nada —, a analogia talvez esteja errada. O que prejudica a passagem do fato para o efeito e do crime para o castigo não é o meio de propagação — é o vácuo moral em que nos acostumamos a viver, com tanta impunidade acumulada e tão cinicamente defendida. Teríamos chegado a um ponto em que investigação completa e punição certa de qualquer caso escandaloso pareceriam uma coisa até meio, sei lá, antinatural.”(VERISSIMO, 2008, p.39)

É interessante observar o estilo adotado por Luis Fernando Verissimo nesta crônica, pois o autor recorre a um estudo científico para realizar uma análise e reflexão política. Utilizou-se de uma experiência tecnológica para analisar a política brasileira.

Durante certo tempo os cientistas tinham dúvidas sobre o comportamento dos feixes de luz quanto a sua velocidade. Não era possível saber se haveria alteração de velocidade dos feixes em ambientes como o vácuo.

Verissimo expõe o experimento, apresentando dados técnico científicos: velocidade da luz, 300 mil km por segundo (lembrando que esse dado é por aproximação), mas sobrepõe a esse argumento uma proposição paradoxal, o que tornaria esse experimento uma contradição: “Um feixe de luz produzido em laboratório atravessou uma câmara de céσιο com tanta rapidez que chegou ao outro lado antes de ter saído, ou saiu antes de ter entrado”, tal proposição é um artifício retórico e pode se dizer pitoresco. Pois enquanto proposição científica fere o principio da não contradição e, portanto deixando de ser científico conforme Karl Popper analisa e descreve sobre os princípios da falseabilidade e da refutabilidade:

Uma teoria científica é boa, diz Popper, quanto mais estiver aberta a fatos novos que possam tornar falsos os princípios e os conceitos em que se baseava. Assim, o valor de uma teoria não se mede por sua verdade, mas pela possibilidade de ser falsa. A falseabilidade seria o critério de avaliação das teorias científicas e garantiria a idéia de progresso científico, pois é a mesma teoria que vai sendo corrigida por fatos novos que a falsificam (CHAUI, 1996, p. 329).

É notório perceber que a argumentação do autor trata-se de uma construção retórica e persuasiva. Pois se de fato tal experimento se realizasse colocaria em cheque tudo aquilo que se refere ao método científico. É isso que torna a crônica de Verissimo uma obra de excelência no cenário da literatura nacional. A construção de tal argumentação demonstra conhecimento profundo sobre experimentos e como funciona o método científico. A intenção do autor ao descrever isso é provocar o riso sobre uma circunstância altamente tecnológica, relacionando as questões da política nacional. Contudo para entender essa construção humorística é necessário possuir um conhecimento razoável sobre a natureza dos experimentos e do método experimental.

Outro problema de tal experimento: “com tanta rapidez que chegou ao outro lado antes de ter saído”, se de fato isso se concretizasse abriria a possibilidade para as pesquisas referentes ao tempo negativo. Seria possível um instrumento tecnológico que pudesse cronometrar negativamente o tempo? O tempo negativo teria relações com viagens ao passado? Mas o objetivo de Verissimo é o risível e não a cientificidade desse argumento paradoxal. Essa contradição bem humorada é apenas o alicerce para uma boa reflexão quanto ao cenário da política nacional.

Verissimo procura dar um tom de seriedade ao experimento citado ao referir que a luz é formada por ondas, quando na verdade são feixes:

Quando parecia que realmente a natureza da luz era onda eletromagnética, essa teoria não conseguia explicar o fenômeno de emissão fotoelétrica, que é a ejeção de elétrons quando a luz incide sobre um condutor. Einstein (1905) usando a ideia de Planck (1900) mostrou que a energia de um feixe era concentrado em pequenos pacotes de energia, denominados fótons, que explicavam o fenômeno da emissão fotoelétrica.⁶

Neste argumento Verissimo demonstra conhecimento e jamais permitira uma crônica sua, ser achincalhada ao argumentar: “substituindo-se <<feixes>> de luz por escândalos”, demonstrando não se equivocar sobre a natureza do fenômeno físico da luz: feixes e não ondas! Pois se trata de humor inteligente e persuasivo.

Verissimo denota que se tratando de política nacional, os escândalos desaparecem antes de seus desfechos: “Num caso, em vez de conduzir o fato ao seu desfecho natural, o meio o absorve, desvia, engaveta ou mata”.

⁶ Disponível em: <educar.sc.usp.br/optica/luz.htm> Acesso em: jan.2011.

Pode-se de certa forma afirmar que Verissimo percebe certa fragilidade da democracia recheada de escândalos que não se resolvem ou que “não dão em nada”. A imprensa que possui a liberdade de noticiar escândalos acaba industrializando essas questões ou as esquecendo quando não mais lhes são interessantes comercialmente. Nisso podemos analisar os riscos da democracia conforme Feenberg cita em suas obras, autores como Habermas e Heidegger que sugerem a grande tentação da tecnologia para uma espécie de controle absoluto, de forma a instrumentalizar e tornar previsível tudo aquilo que foge ao nosso controle ou compreensão. E referente a esse controle Feenberg expõe: “A princípio, Habermas argumentava que ‘trabalho’ e ‘interação’ tinham cada um sua própria lógica. O trabalho ‘se orienta ao sucesso’; é uma forma do ‘agir racional com respeito a fins’, cuja meta é o controle do mundo” (FEENBERG, 2010, p. 199).

”Meu título significa a rejeição à dicotomia entre a hierarquia racional e o protesto irracional implícito na posição de Weber. Se a hierarquia social autoritária é verdadeiramente uma dimensão contingente do progresso técnico, como acredito, e não uma necessidade técnica, então deve haver um modo alternativo de racionalizar a sociedade que leve à democracia ao lugar de formas centralizadas de controle. Não precisamos voltar às cavernas ou ao mundo indígena para preservar valores ameaçados, como a liberdade e a individualidade” (FEENBERG, 2010, p. 71).

Ou ainda, conforme analisa em: “A essência da tecnologia”:

“Heidegger rejeita qualquer diagnóstico meramente social dos males das sociedades tecnológicas e reivindica que a fonte dos seus problemas remonta, pelo menos, a Platão, e que as sociedades modernas apenas concretizam um *telos* imanente desde o início na metafísica ocidental. A sua originalidade consiste em apontar que a ambição para controlar o ser é também, por sua vez, um modo de ser e, portanto, está subordinada, em um nível mais profundo, a uma exclusão ontológica, que está além do controle humano. A demanda de Heidegger por uma nova resposta a um desafio dessa exclusão está envolvida em obscuridade à qual ninguém ainda foi capaz de dar um conteúdo concreto. O efeito geral da sua crítica é condenar a instrumentalização do ser humano, pelo menos nos tempos modernos e, ao mesmo tempo, confundir as diferenças essenciais entre diferentes tipos de desenvolvimento tecnológico. Tal confusão tem um aspecto histórico. Heidegger está perfeitamente alertado que a atividade técnica não era ‘metafísica’ na sua definição, até recentemente. Ele precisa, portanto, distinguir nitidamente tecnologia moderna de todas as formas precedentes de técnica, obscurecendo as muitas conexões e as continuidades reais existentes entre elas. Eu, pelo contrário, argumentaria que o quê é novo na tecnologia moderna só pode ser entendido quando oposto ao subterrâneo do mundo técnico tradicional, do qual se desenvolveu” (FEENBERG, 2010, p. 92-93).

Verissimo ao construir a crônica estava preocupado com uma descrição do experimento tecnocientífico com o propósito mais centrado na crítica da atual realidade política, que na realidade do experimento citado. Aprofunda e estende essa crítica ao período que os militares comandavam a política nacional. A omissão da imprensa nacional aliada a interesses capitalistas e editoriais de conivências “abafava” tudo. Depois centra sua crítica ao atual momento histórico da política nacional, num contexto de liberdade e democracia onde os escândalos não possuem efeito algum:

Mas, como tanto os escândalos abafados do passado quanto os gritantes de hoje têm um destino comum — não dão em nada —, a analogia talvez esteja errada. O que prejudica a passagem do fato para o efeito e do crime para o castigo não é o meio de propagação — é o vácuo moral em que nos acostumamos a viver, com tanta impunidade acumulada e tão cinicamente defendida. Teríamos chegado a um ponto em que investigação completa e punição certa de qualquer caso escandaloso pareceriam uma coisa até meio, sei lá, antinatural (VERISSIMO, 2008, p.39).

É importante analisarmos que a liberdade de expressão, um dos pilares que constituem uma sociedade democrática, expondo as mazelas, desmandos, clientelismos e corrupção, pode parecer que isso apenas ocorra em sistemas democráticos e não em sistemas ditatoriais pelo fato de não serem noticiados. Essa falsa percepção pode representar um risco à democracia, podendo sucumbir às tentações daqueles que exercem formas de poder e controle, que possuem o domínio econômico ou midiático. Embora muitos autores assumam uma postura pessimista, Feenberg com sua postura crítica vê enormes possibilidades civilizatórias com o advento da sociedade do conhecimento e da tecnologia, o que representaria a consolidação e efetivação da democracia.

O significado político desta posição, agora, também deveria ser esclarecido. Em uma sociedade onde o determinismo monta a guarda nas fronteiras da democracia, o indeterminismo não pode deixar de ser um fato político. Se a tecnologia tem muitas potencialidades inexploradas, os chamados imperativos tecnológicos não podem impôr a hierarquia social atual. Em lugar disso, tecnologia é um campo de luta social, uma espécie de “parlamento das coisas”, onde concorrem as alternativas civilizatórias (FEENBERG, 2010, p. 77).

Feenberg analisa a mídia depositando nela uma potencialidade positiva na

sociedade moderna referente a algumas questões sociais. Naquilo que se refere ao domínio das *mídias* que privilegiam um modelo tecnocrático de controle ou um modelo democrático de comunicação. Essa concepção democrática amplia a iniciativa em mundos virtuais muito mais complexos: referente a produção tecnológica ou de problemas ambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando essas cinco crônicas, percebemos que o cômico das crônicas de Luis Fernando Verissimo depende muito da surpresa, em geral feita de confusões, enganos e absurdos.

Nas crônicas de Luis Fernando Verissimo há toda uma estrutura social minimamente demarcada. Seus personagens e temas são fatos comuns, com figuras criadas a partir de estereótipos estabelecidos pela sociedade em que vivemos. Os assuntos expostos em suas criações são os mais corriqueiros possíveis, vivenciadas por todo e qualquer mortal em seu dia-a-dia, afinal de contas, quem de nós nunca comentou ou se viu interessado nesse assunto? Verissimo cria seres eminentemente sociais e escreve suas crônicas para outros seres capazes de compreender o que há por trás de cada metáfora por uma razão muito simples: a de que nós, seres sociais, exercemos uma capacidade muito grande de identificação com os temas e personagens com que ele tão generosamente nos presenteia.

A maneira como Luis Fernando Verissimo escreve parece revelar sua competência em abstrair a essência da sociedade em que ele, escritor, está inserido, e transferi-la para o leitor. Seu poder de representação da realidade de maneira ficcional traduz o valor estético de suas obras.

Portanto, não restam dúvidas de que podemos enxergar a sociedade refletida nas obras de Luis Fernando Verissimo, com seus vícios e virtudes, expondo suas mazelas com muito bom humor e ironia.

“O que Move a Humanidade” nos mostrou que a tecnologia é boa do ponto de vista do avanço humano em relação aos demais animais, por outro lado, assim como foi desenvolvida pela preguiça do homem, ao ponto que a tecnologia avança, cresce também a preguiça.

Na crônica “Estamos Prontos”, a tecnologia apareceu mascarada, ao mesmo tempo em que é boa para o Brasil, trazendo desenvolvimento, é ruim porque, nesse caso traz prejuízos, do ponto de vista social, humano, destrói a terra, emprega mão-de-obra semiescrava. A teoria crítica defende a ideia de que a tecnologia deve ser democrática, e no caso dessa crônica, os avanços tecnológicos somente favorecem a um grupo social, prejudicando os demais.

“A Tirania do Qualquer Um”, apresentou uma tecnologia instrumentalista, já

que é usada como um instrumento que leva benefícios ao homem, mas também, como uma perigosa arma de destruição, porque pode ser usada de maneira incorreta.

A tecnologia se mostrou de maneira determinista na crônica “Pense na China”, já que foi que o avanço tecnológico que levou a China, ao topo do mundo.

Na crônica “Os Meios e os Fins”, a tecnologia apareceu de maneira cômica, sendo usada como um comparativo a política brasileira.

Essa pequena pesquisa explorou o rico conteúdo contido nessas crônicas e a forma que o autor explora as questões sociais e políticas, podendo conduzir o leitor ao despertar da consciência crítica, tanto em relação ao amadorismo de nossos dirigentes políticos, quanto à fragilidade que a democracia fica exposta frente aos processos tecnocráticos, também as mazelas administrativas da política nacional, que Luis Fernando Verissimo explora de maneira inteligente e crítica em suas crônicas.

Analisando essas crônicas percebemos também que partindo do riso chega-se ao poético, ao sagrado, à angústia, ao êxtase, a tudo o que não pode ser capturado pela estrutura biopolítica do controle. O riso é o que permite falar seriamente do não saber.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. *A Condição Humana*. São Paulo: Salamandra, 1981.

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução e comentários de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BENDER, F. LAURITO, L. *A Crônica: História, Teoria e Prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BERGSON, H. *O Riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORGMANN, A. *Crossing the Postmodern Divide*. (Chicago: University of Chicago Press, 1992).

CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1996.

CERQUEIRA, R.C. LEALÉ, M.R.L.V. *Biocombustível no Brasil*. Projeto Etanol, 2007. Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Repositorio/03_000fxggj1i702wyiv80soht9h0kawrk0.pdf>. Acesso em: 11 de janeiro de 2012.

COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil: Relações e Perspectivas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

FEENBERG, A. and BARNEY. *Community in the Digital Age*. (Lanham: Rowman and Littlefield, 2004.)

_____ *Do Essencialismo ao Construtivismo – a Filosofia da Tecnologia em uma Encruzilhada*. Disponível em: <<http://professores.cds.unb.br/omts/pub/>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2011.

_____ *Racionalização Democrática, Poder e Tecnologia*. Ciclo de Conferências. Racionalização subversiva: tecnologia, poder e democracia, 2010.

_____ *Teoria Crítica da Tecnologia*. Disponível em: <www.sfu.ca/~andrewf/critport.pdf>. Acesso em 06 de janeiro de 2011.

_____ *What is Philosophy of Technology?* Tradução de Agustín Apaza, 2003.

KONZEN, P. C. *Ensaio Sobre a Arte da Palavra*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas, 2001.

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MOISÉS, M. *A Criação Literária – Prosa II*. São Paulo: Cultrix, 2001.

SÁ, J. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SANT'ANNA, A.R. *A Sedução da Palavra*. Brasília: Letraviva, 2000.

STAIGER, E. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1993.

VERISSIMO, L.F. *O Mundo é Bárbaro, e o que nós temos a ver com isso*. Objetiva. Rio de Janeiro, 2008.

_____ *O Nariz e Outras Crônicas*. Ática: São Paulo, 1995.

_____ *Orgias*. Objetiva: Rio de Janeiro, 2005.